

“A que tudo sabia”: memórias da participação de Maria Rosa na Guerra do Contestado

“The one who knew everything” : memories of Maria Rosa's participation in the Guerra do Contestado

Kassia Rossi¹

Resumo: A Guerra do Contestado (1912-1916) foi um movimento complexo e com diversas lideranças. O presente trabalho trata sobre a liderança de Maria Rosa no reduto de Caraguatá, bem como, a participação de outras mulheres na guerra, como Teodora e Chica Pelega. A presença dessas mulheres no movimento social é analisada através da memória de pessoas que vivenciaram o conflito e de gerações próximas dos acontecimentos. Essas memórias sobre Maria Rosa são heterogêneas, mas de maneira geral, ela é retratada pela cultura popular como guerreira, heroína, santa, mártir e guia.

Palavras-chave: Contestado; Mulheres; Maria Rosa.

Abstract: The Guerra do Contestado (1912-1916) was a complex movement with several leaders. This paper is about the leadership of Maria Rosa in the Caraguatá stronghold, as well as the participation of other women in the war, such as Teodora and Chica Pelega. The presence of these women in the social movement is analyzed through the memory of people who have experienced the conflict and the generations close to the events. These memories about Maria Rosa are heterogeneous, but in general, she is characterized by popular culture as a warrior, heroine, saint, martyr and guide.

Keywords: Contestado; Women; Maria Rosa.

Introdução

A guerra do Contestado, ocorrida entre os anos de 1912 e 1916, no interior de Santa Catarina e Paraná, foi um movimento complexo, de várias causas e explicações. O que torna ainda mais múltiplo esse movimento é o fato de haver diversas lideranças, as quais apresentavam diferentes origens e motivações. O objetivo do presente estudo é analisar a trajetória e participação, através de memórias, de uma dessas lideranças: Maria Rosa. Para isso, primeiramente, será feita uma contextualização do conflito, seguido de um panorama sobre a participação de mulheres no movimento social, como Teodora e Chica Pelega e, por fim, a trajetória de Maria Rosa. Como fontes utilizamos relatos de pessoas que vivenciaram o conflito e de gerações próximas dos acontecimentos, dos quais a maioria foram retirados da tese de Paulo Pinheiro Machado e do livro “O último jagunço” de Euclides J. Felipe, o qual coleta narrativas de tradições e crenças populares acerca do movimento. Outra fonte a ser utilizada é a obra de historiografia militar “A campanha do Contestado”, do militar Dermeval Peixoto, que participou do conflito.

Por se tratarem de fontes orais transcritas, é necessário pensar a respeito de instrumentos interpretativos específicos para a análise. De acordo com Alessandro Portelli, as fontes orais

¹ Pós-graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: kassiaa.rossi@gmail.com.

possuem um elemento precioso que é a subjetividade do expositor, elas contam sobre o que um povo fez, o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Assim, o que torna essa categoria de fontes diferentes é que elas nos dizem menos sobre os eventos e mais sobre significados. “Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas”².

Dessa maneira, a entrevista é sempre um produto do narrador e do historiador. Além disso, como o acesso às fontes utilizadas neste trabalho foi através da transcrição de entrevistas realizadas por outros pesquisadores, deve-se levar em conta que o processo de transcrição implica em mudanças e interpretação. Elementos como volume e ritmo do discurso carregam implícitos significados que são irreproduzíveis na escrita, por exemplo. Ainda assim, relatos de pessoas são uma maneira de obter informações sobre a vida diária e a cultura material de um povo iletrado ou de grupos sociais cuja história escrita é falha ou distorcida³.

Contestado

De acordo com Paulo Pinheiro Machado, existe uma dificuldade teórica no tratamento do Contestado, uma vez que, esse movimento social não foi tão homogêneo para cair em classificações generalizadoras como milenar ou messiânico, da forma que é defendido por autores como Maria Isaura Pereira de Queiroz e Maurício Vinhas de Queiroz. A primeira acredita que para que o processo de messianismo se desenvolva, ou seja, se concretize a crença de que um messias apareceria e colocaria fim à ordem vigente, dando início à uma nova ordem de felicidade e justiça, são necessários fatores provocadores, como um estado de anomia social. O conceito de anomia social atribui uma característica patológica ao movimento do Contestado, numa tentativa de explicar os “surtos” messiânicos⁴. Maurício Vinhas de Queiroz configura o Contestado como um movimento messiânico de tipo clássico, uma vez que apresenta elementos característicos que aparecem em muitos outros movimentos messiânicos: “1) a prenúnciação, 2) a vida pública do Messias e sua paixão, 3) a dispersão dos discípulos e surgimento da crença na ressurreição, 4) o reagrupamento dos crentes na esperança do *millenium*, e 5) a evolução posterior, com a protelação da *parúsia*”⁵. Para o autor, todo movimento messiânico acarreta

² PORTELLI, 1997, p. 31.

³ Ibidem.

⁴ MACHADO, 2004.

⁵ QUEIROZ, 1981, p. 255.

numa recusa ao mundo, a qual leva ao desligamento do corpo social e a instituição de uma nova comunidade, cuja crença é de uma mudança supranaturalística do mundo. Sendo assim, Queiroz conclui que o messianismo é uma revolta alienada, além de afirmar que o afastamento demasiado do mundo torna o movimento “autista”, entrando assim, num campo de patologia social⁶.

As interpretações desses dois autores são problemáticas para o entendimento desse movimento complexo que foi o Contestado. Para Machado, o movimento começou como “um fenômeno religioso de exaltação milenar com fortes características messiânicas, mantendo basicamente estas características místicas, com maior ou menor intensidade, até sua liquidação final”⁷. Mesmo compartilhando dessa linguagem religiosa, o autor não reduz o movimento social à categoria de messiânico, alienado ou até mesmo ligado à uma “patologia social”. Machado defende se tratar de um movimento político, no qual os sertanejos acabaram demonstrando que desenvolveram uma consciência de suas condições sociais e políticas, entendendo de que se tratava de uma guerra entre ricos e pobres. Assim, o conflito foi um episódio importante na história da luta de classes no Brasil⁸.

Como já apontado, as causas para o desenvolvimento do conflito foram diversas, mas é possível indicar como principais a questão da disputa de limites entre Paraná e Santa Catarina, a presença da *Brazil Railway* e da *Lumber and Colonization*, também a grilagem de terras de posseiros e pequenos sitiantes por parte de grandes proprietários, bem como, o poder e mando local e regional dos coronéis. Dessa forma, num contexto de insatisfação com essa realidade social, o Contestado abarcou uma extensa região e reuniu diferentes setores da sociedade: federalistas; opositores políticos dos Coronéis de Lages, Canoinhas e Curitibanos; ervateiros; sertanejos que perderam terras para a estrada de ferro; médios fazendeiros; comunidades caboclas e seguidores do monge João Maria⁹.

A figura do monge profeta, conselheiro e curandeiro começou a circular pela região do planalto no final de 1840 até início do século XX. Oswaldo Cabral identificou pelo menos dois homens que exerceram a função de monge na região, no entanto, para a população, só existiu um São João Maria. O segundo, que circulou entre 1890 e 1908, adotou algumas práticas do primeiro monge desaparecido, como erguer cruzeiros em determinadas localidades e sinalizar as “águas santas”, porém, diferente do primeiro, era contrário à República, teve uma relação

⁶ QUEIROZ, 1981, p. 252-253.

⁷ MACHADO, 2004, p. 25.

⁸ Ibidem, p. 24-35.

⁹ SILVA, 2010b.

complicada com o clero católico e propagava um discurso apocalíptico com bastante receptividade pela população. O monge conversava com as pessoas, anunciava seus mandamentos, fazia batizados e sugeria medicamentos, sendo também atribuído a ele poderes sobrenaturais, como o poder de cura¹⁰.

Em 1912, aparece José Maria, sobre o qual a opinião dos sertanejos é divergente. Este possuía maior conhecimento empírico sobre ervas e plantas medicinais do que o anterior. Sua presença na comunidade de Taquaruçu para a Festa do Bom Jesus se estendeu além da cerimônia festiva e fez aumentar o número de pessoas no arraial. Isso fez com que coronel de Curitiba, Francisco Albuquerque, tentasse conversar diretamente com o monge. Sem sucesso, acionou o governador de Santa Catarina, Vidal Ramos, fazendo com que um contingente de soldados fosse enviado à Curitiba. No entanto, para evitar conflito, José Maria, acompanhado de aproximadamente quarenta pessoas de Taquaruçu, seguiu para os campos de Palmas, no faxinal do Irani. Como esse território se encontrava sob jurisdição do Paraná, o governo paranaense encarou a migração como uma estratégia do governo catarinense para tomar posse da região contestada, o que ocasionou o combate de Irani em outubro de 1912 e a morte de José Maria¹¹.

A participação de mulheres no Contestado

Após a morte do monge, os sertanejos foram tomados por um forte sentimento religioso, que resultou na elaboração de instituições místicas e sociais novas, as quais forneciam um novo significado para os seguidores. Passado um ano do combate de Irani, José Maria iria retornar com o “exército encantado” de São Sebastião. Acontece assim, uma reelaboração religiosa que se processa por meio da transformação de José Maria: de um curandeiro para uma pessoa santificada¹². Nesse contexto, damos destaque ao papel das “virgens”.

O monge José Maria se fazia acompanhar de um séquito delas para auxiliá-lo nas rezas, nas pregações e no preparo de chás homeopáticos. As “virgens” eram escolhidas por ele e pelas lideranças dos Redutos – ou Cidades Santas – entre aquelas que manifestavam piedade e pureza de alma. Não precisavam ser virgens no sentido biológico, pois havia entre elas mulheres casadas. Mas as que mais se destacaram eram adolescentes. A proximidade com o monge lhes dava respeitabilidade e poder junto à comunidade. Na ausência do líder religioso, assumiam o papel de videntes¹³.

¹⁰ MACHADO, 2004.

¹¹ Ibidem.

¹² Ibidem, p. 189-191.

¹³ FIN, 2016, p. 20 apud TONON, 2012, s/p.

Após a morte de José Maria, as virgens eram quem entravam em contato e se comunicavam com ele, transmitindo a mensagem do monge aos demais¹⁴. De acordo com Feldman, elas estabeleciam um elo entre o mundo mítico e o mundo dos sertanejos, sendo possível entender esse movimento “através de um olhar voltado para universo mítico religioso em que as mulheres foram portadoras e representantes de um grande poder simbólico, mas que trazidos para o plano concreto, influenciaram certamente, muitas das ações e decisões nos redutos”¹⁵.

O papel das virgens no Contestado pode ser um gancho para pensar sobre a participação feminina de forma geral nesse movimento social. Karoline Fin menciona sobre a escassez de trabalhos historiográficos que estudam a presença de mulheres no Contestado, o que existe são pesquisas sobre as virgens e lideranças femininas, mas ainda não há muito estudo sobre a mulher cabocla, que teve participação no conflito sem necessariamente se sobressair individualmente¹⁶.

Maciel indica construções que mostraram o Contestado como um movimento de homens, no qual as mulheres são representadas como divindades, no caso das virgens, ou como pacíficas e submissas. Dessa maneira, propõe a avaliação dos diferentes papéis exercidos por mulheres, submetidos a diferentes tipos de poder. O autor traz alguns exemplos para demonstrar o engajamento das mulheres, para além da esfera doméstica; a autonomia e ações de poder que as mulheres possuíam, deixando claro que esses casos não se tratavam de exceções¹⁷.

São inúmeras mulheres do Contestado que fizeram parte do processo de resistência na campanha junto dos homens e não apenas as virgens e ou videntes. É certo revisitar as fontes com desconfiança para assegurar que as lideranças femininas não foram exceções ou apenas fruto de manipulações oligárquicas, pois fazem parte de um processo que antecede o fenômeno do Contestado e vão além da geografia catarinense¹⁸.

Mesmo reconhecendo a importância de estudos na historiografia que tratem sobre o papel das diversas mulheres no Contestado, não só as “virgens” e lideranças, o presente trabalho irá focar nessa questão, justamente por ter como objetivo abordar a trajetória de Maria Rosa. No entanto, é interessante deixar claro o caráter político presente também em mulheres que não exerceram papel de destaque.

¹⁴ SILVA, 2010b.

¹⁵ FELDMAN, 2005, p. 2.

¹⁶ FIN, 2016, p. 20.

¹⁷ MACIEL, 2017, p. 147.

¹⁸ Ibidem, p. 154.

Chica Pelega e Teodora

Antes de falar sobre Maria Rosa, é importante apresentar algumas mulheres que a precederam, como Teodora e Chica Pelega. Quando completou um ano da morte de José Maria e nada ocorreu, uma menina de onze anos de idade, neta de Eusébio Ferreira dos Santos e Querubina, chamada Teodora, começou a ter sonhos e visões com o monge, anunciando a necessidade de se dirigirem à Taquaruçu para fundar a “cidade santa”, enquanto esperavam pelo retorno de José Maria juntamente ao exército encantado. A liderança de Teodora não durou por muito tempo, somente duas semanas, uma vez que crescia a desconfiança de suas visões e ela mesma se assustou com sua representação. Depois de “perder o aço”, ou seja, perder suas capacidades de adivinhação, foi tendo menos importância, mas continuou atuando como “virgem” junto com outras lideranças políticas e religiosas até o final da guerra¹⁹. Em entrevista cedida à Maurício Vinhas de Queiroz, Teodora afirma: “eu não via nada [...] Eram os velhos que se juntavam e diziam as ordens”²⁰.

Independente das visões de Teodora, que traziam uma ligação com o “sagrado”, a autoridade e a liderança de Eusébio entre o povo de Perdizes eram muito fortes. A atuação intensa de sua esposa, Querubina, segundo alguns mais “fanática” que o próprio Eusébio, convidando parentes e famílias ligadas por laços de amizade, vizinhança e compadrio, foi importante para o rápido aumento da população do reduto²¹.

Para Silva, as “visões” de Teodora, somada às relações de amizade e compadrio, foram responsáveis pelo aumento do reduto de Taquaruçu em torno de uma mesma esperança²². Por outro lado, Maciel coloca algumas questões, no sentido de que Teodora não possuía uma liderança que dominava, mas sim, poderes que foram se perdendo e aumentando. Segundo o autor, a descrença da população sertaneja na figura feminina, conseqüentemente, a descrença dos poderes das virgens, poderia comprometer a figura da mulher nessas questões²³.

Além de Teodora, existe outra personagem feminina que carrega algumas controvérsias.

Coração compassivo e generoso, logo ao chegar em Taquaruçu, atraiu todas as simpatias, principalmente das crianças e dos enfermos. Assim de imediato chamou a atenção de José Maria, indo aos poucos tornando-se indispensável auxiliar de enfermagem. Em breve aprendeu lidar com os chás, as infusões, o conhecimento e o trato com as ervas medicinais²⁴.

¹⁹ MACHADO, 2004, p. 198.

²⁰ QUEIROZ, 1981, p. 111.

²¹ MACHADO, op. cit., p. 200.

²² SILVA, 2010b, p. 57.

²³ MACIEL, 2017, p. 162.

²⁴ FELIPPE, 1995, p. 95.

É dessa forma que Euclides Felipe descreve Francisca Roberta, também conhecida como Chica Pelega. A mãe de Chica não conseguia engravidar e somente com cinzas e ervas teria engravidado da menina, a qual passou, mais tarde, a ser conhecida como herdeira de João e José Maria, pelo conhecimento sobre plantas medicinais, cuidados e luta por justiça²⁵. Segundo Valentini, “no primeiro ataque a Taquaruçu, Chica Pelega toma parte, montada em seu cavalo, empunhando a bandeira branca de cruz verde ao centro, infundindo ânimo e coragem aos sertanejos”²⁶. No entanto, no segundo ataque à Taquaruçu, em fevereiro de 1914, Chica Pelega morreu comandando a defesa da “cidade santa”. A existência dessa personagem é questionada, já que não se tem fontes que comprovem que Chica Pelega realmente existiu, o que se sabe dela é através da memória popular. Além disso, sua primeira referência escrita é recente, do ano de 1995, no livro de Euclides Felipe²⁷. No entanto, Maciel defende que negá-la seria desrespeitoso com a memória dos combatentes que a tinham como referência²⁸.

Independente da comprovação histórica dessa personagem, ela permanece lembrada como uma heroína pela cultura popular. Como já mencionado, os relatos são interessantes para se pensar nos significados, nas representações que as pessoas fazem de um evento. De acordo com Portelli, a questão fundamental é que a memória não seja apenas um depósito de fatos, mas, principalmente, um processo ativo de criação de significações. “Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória”²⁹.

Maria Rosa

Ao contrário do que outros autores acreditam, Vinhas de Queiroz coloca que o reduto de Caraguatá já estava em formação antes da destruição de Taquaruçu. Em depoimento ao autor, Joaquim, neto de Euzébio e escolhido para substituir o menino-Deus Manoel em Taquaruçu, diz: “Caraguatá já estava cheio de gente. Era pessoal de Perdizes, dali, tudo junto”³⁰. Além disso, Euzébio e Joaquim não puderam se impor em Caraguatá, o próprio Joaquim confirma: “Nós estava já lá como pau de fósforo. Quem mandava era Maria Rosa”³¹.

²⁵ MACIEL, 2017, p. 156.

²⁶ VALENTINI, 2000, p. 137.

²⁷ SILVA, 2010a.

²⁸ MACIEL, op. cit., p. 156.

²⁹ PORTELLI, 1997, p. 33.

³⁰ QUEIROZ, 1981, p. 134.

³¹ Ibidem, loc. cit.

Maria Rosa era uma jovem entre 15 e 16 anos, filha de Eliasinho da Serra, um grande devoto de João Maria, admirador de José Maria e morador de Perdizinhas. Descrita por Felipe como “morena-clara, tipo portuguesa de cuja raça descendia, cabelos encaracolados, estatura talvez um pouco acima da mediana, esbelta, sorridente, sobressaía-se em qualquer ambiente onde se encontrasse. Porém, nos momentos de ‘variação’ se transformava. Suas feições e procedimento assumiam a postura de adulta”³². Certo dia, em meio às orações na casa da família, a menina caiu em transe e revelou ser a nova “virgem” de José Maria. Assim como fez Teodora, Maria Rosa determinou que ela e seu pai se dirigissem imediatamente à Caraguatá, “onde lá lhe seriam transmitidas importantes instruções acerca de um grande movimento que iria acontecer”³³.

Em entrevista concedida à Paulo Pinheiro Machado em Monte Alegre, São Cristóvão do Sul, no ano de 1998, Elias Ribeiro, relata um acontecimento:

Daí passou, passou um tempo e quem levantou o fanatismo de novo foi a Maria Rosa no Taquaruçu. Aquele pessoal começou a fazer festa e reza a noite inteira. Daí teve uma noite que a Maria Rosa acordou, pulou da cama e começou a gritar: “Viva a Guerra Santa! Viva a Monarquia! Viva São João Maria! Viva José Maria! Viva São Sebastião! Eles vão nos ajudar a tocar a Guerra!”. Daí aquela jagunçada toda se colocou de joelhos na beira da cama da Maria Rosa e cismaram que ela era uma Santa, que a Maria Rosa era uma Santa de Deus. E ela deu ordem para o pessoal ir se apresentando, se preparar para a Guerra Santa”³⁴.

É importante ressaltar desse trecho a ideia de monarquia, o que isso significava para os sertanejos. Conforme Machado, os “vivas” à monarquia não estavam relacionados à um projeto restaurador, reacionário, mas sim, um projeto de autonomia frente ao poder dominante. Essa ideia também estava muito ligada ao comunismo caboclo, como pode-se perceber através do depoimento de João Ventura, “a lei do comunismo é igual a lei da Monarquia porque é uma lei severa [...] Toda comida é colhida e depositada numa casa e tudo é igual, então aquele que precisa das coisas, chega ali, pega um tanto de mantimento e leva para a sua casa”³⁵. De acordo com Queiroz, o que os sertanejos queriam era um “reinado de paz, prosperidade e justiça na terra”³⁶. Havia uma negação à república, pois essa nada havia lhes dado, tendo como contraponto, uma visão de monarquia como paternal dos pobres contra os poderosos. A

³² FELIPPE, 1995, p. 146.

³³ Ibidem, p. 145.

³⁴ MACHADO, 2001, p. 421.

³⁵ Idem, 2004, p. 211.

³⁶ QUEIROZ, 1981, p. 141.

monarquia era entendida como uma lei do céu, no entanto, tinha um aspecto prático, os sertanejos não esperavam por esse projeto na vida do além, mas naquele momento³⁷.

Voltando à liderança de Maria Rosa, a partir do comando-geral, ela distribuía comandos de *forma*, de guardas, de piquetes de briga, de reza e de abastecimento³⁸. Diferente de Teodora, ela não submetia suas ordens à um conselho, mas dividia o comando com Elias de Moraes, comandante da *forma*, e também com Venuto Bahiano, comandante militar. Considerada pelos sertanejos como “a santa que tudo sabia”, Maria Rosa é lembrada pela memória local por seu principal feito, o combate de Caraguatá, vencido pelos sertanejos em março de 1914.

Os jagunços atacaram a força abrigada no capão comandados pela Maria Rosa, ela tinha voz de comando, toda vestida de branco, montada num cavalo branco, segurando uma bandeira [...]. Muitos soldados morreram e nenhum jagunço morreu no combate, naquele tempo tinha proteção, não aconteceu nada com a Virgem Maria Rosa, que ficava na frente dos jagunços, eles estavam protegidos, era como um milagre^{39 40}.

Há outros relatos que reforçam como a liderança e participação de Maria Rosa é entendida pela memória local. O primeiro trecho são trovas de Neném Schefer recolhidas por Euclides Felipe e publicadas por Aldo Dolberth, e o segundo é um depoimento de Miguel Correa de Souza publicado no livro de Delmir José Valentini.

Lá a “Virgem” Maria Rosa
No reduto é que mandava,
Ninguém mais intrometia
Pois, só ele comandava;
Nomeou todos cabeças
Os que mais considerava⁴¹.

Aquela menina se tivesse uma força brigando com os jagunços ela passava com um cavalinho na frente e era fogo que faziam de fuzilaria e metralhadora que parecia queimando roça e nunca acertaram ela⁴².

Por outro lado, existem outras narrativas, que reconhecem a liderança de Maria Rosa, porém com uma visão negativa, como o livro de 1920, “A campanha do Contestado”, do militar Dermeval Peixoto, que participou como soldado, o qual se refere à Maria Rosa em uma das passagens da seguinte maneira:

A virgem, a directora moral dos fanaticos, a moçoila que permanecia occulta na escuridão de um pequeno quarto e só se apresentava para, mancomunada com os espertos exploradores dos infelizes, transmitir as ordens que dizia receber diretamente de José Maria durante seus periodos de videncia, aquella rapariga vidente estava em Santa Maria. Servindo ao talante dos chefes, a tal

³⁷ QUEIROZ, 1981.

³⁸ MACHADO, 2004, p. 222.

³⁹ Idem, 2001, p. 422.

⁴⁰ Entrevista com Elias Ribeiro, retirada da tese de Paulo Pinheiro Machado.

⁴¹ SILVA, 2010b, p. 58 apud DOLBERTH, 2005, p. 26.

⁴² VALENTINI, 2000, p. 139.

virgem era considerada uma santa que tudo sabia porque lh’a inspirava o Monge que depois de morto só a ella aparecia para transmissão dos vaticínios. Habilmente escolhida, a menina Maria Rosa, com quinze annos talvez, sem saber ler nem escrever, possuindo vivacidade extraordinaria, praticava o embuste convencidamente. Industriada por Elias de Moraes, seu pai, a rapariga, pallida, rachitica, de olhos pardos pequeninos, percorria os reductos, cavalgando escolhido corsél aperado de arreiamto com incrustações de prata; sentada em macio silhão forrado de velludo com franjas berrantes e fitas pendentes, a virgem tinha fóros de rainha – era acompanhada pela escolta diabolica dos Pares de França. E, pavoneando-se convencidamente, soltos os cabellos castanhos bem tratados, dizendo-se representante da vontade do Monge, de quem ella conhecia os santos desejos, designava os chefes dos reductos, destituia-os dos commandos, sentenciava pennas simples e crueis e escolhia os meninos capazes de entrar nas fórmias para a briga. A virgem era religiosamente acatada⁴³.

No final de março de 1914, Caraguatá foi evacuado sob comando de Maria Rosa, mais de 2 mil pessoas, 600 cabeças de gado, cargueiros de mantimentos etc. marcharam para o novo reduto de Bom Sossego. Nesse novo reduto, Maria Rosa manteve uma certa autoridade, mas assim como Teodora, passou para uma posição secundária no movimento⁴⁴. Silva apresenta os motivos levantados para a queda de Maria Rosa, dentre eles está a tentativa de pacificação com o Capitão Matos Costa, atitude que Elias de Moraes teria reprovado, além de alguns acreditarem que por ter se deixado levar pelo orgulho, “perdeu o aço”⁴⁵. Não se sabe ao certo o que aconteceu com Maria Rosa após a guerra. Alguns acreditam que ela morreu na guerra, como é o caso da “virgem” Teodora, que prestou depoimento para Nilson Thomé. “Ela morreu na entrada da Cidade Santa, defendendo nossa gente”⁴⁶. Em entrevista para Paulo Pinheiro Machado, em 1999, Lauro Costa, que foi prefeito de Curitiba e amigo da historiadora Zélia Lemos, conta:

A Lila [historiadora Zélia Lemos] tinha uma pesquisa, uma busca. Ela estava atrás do paradeiro da *virgem* Maria Rosa. Contam que, no final da guerra, muitas crianças órfãs dos redutos foram entregues ao Prefeito, o Cel. Marcos Gonçalves de Farias. Ele distribuiu as crianças entre muitos fazendeiros e moradores da cidade [...]. A Maria Rosa foi dada para a família Bastos, para o Severo Bastos. Isso foi muito difícil para a Lila, porque foi feito um novo registro para a Maria Rosa, só com o nome de Rosa, Rosa Bastos. Muitos dizem que a Maria Rosa morreu na guerra, lutando. Não, ela sobreviveu, foi criada pelo Severo Bastos e casou-se com o Cristiano Westffalen, de Pouso Redondo. A Lila chegou até Pouso Redondo e teve notícia da morte de Maria Rosa, há poucos anos. As filhas dela se revoltaram, não queriam saber de falar nada sobre a vida da mãe⁴⁷.

⁴³ PEIXOTO, 1920, p. 85-86.

⁴⁴ MACHADO, 2004, p. 224.

⁴⁵ SILVA, 2010b.

⁴⁶ Ibidem, p. 59 apud THOMÉ, 1999, p. 197.

⁴⁷ MACHADO, 2001, p. 465-466.

Há, dessa forma, memórias diferentes em relação à Maria Rosa, uma mais ligada à cultura popular, a qual entende a liderança de Maria Rosa de uma maneira positiva, enxergando como uma heroína, e outra memória que pode ser entendida como “oficial”, representada aqui pelo relato escrito do militar Dermeval Peixoto. A ampliação da definição de Giovanni Contini de “memória dividida” feita por Portelli, o qual não pensa a memória dividida de uma forma dicotômica, mas em uma “multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas”⁴⁸, é interessante para analisar as memórias em relação à Maria Rosa e outras mulheres do Contestado.

Conclusões

O presente estudo buscou demonstrar, através de relatos, a participação e liderança de Maria Rosa na guerra do Contestado, procurando também fazer um antecedente de outras personagens importantes para a memória do Contestado, como Teodora e Chica Pelega, e reconhecendo a importância de diversas outras mulheres que atuaram no movimento de diferentes formas, sem ter papel de destaque.

Das três figuras femininas descritas, por um lado tem-se Teodora e Maria Rosa, ambas “com aço”, ou seja, com a vocação de se comunicar com o monge, tendo ainda Maria Rosa maior destaque em sua liderança no comando-geral; por outro lado, tem-se Chica Pelega, que não tinha “o aço”, não era uma santa e nem uma líder, mas sim, retratada pela sua força, bravura e gentileza com seu povo. De acordo com Silva,

[...] mesmo envolvidas no campo da guerra, Chica Pelega e Maria Rosa, ainda apresentam os valores normativos condizentes a função da mulher, ambas são construções idealizadas e românticas, não só do jagunço, mas, sobretudo das mulheres do Contestado, envoltas seja por sua santidade ou por sua fibra, Maria Rosa e Chica Pelega, ainda tem virtudes necessárias a uma mulher, são “honestas” e fiéis, a sua família, a sua luta e há seus ideais. Uma é a santa que se comunica com o monge e a outra a guerreira que em nome da santa religião protege a seu povo. Sendo possível verificar, que mesmo na guerra, as mulheres ainda devem assumir papéis condizentes com sua categoria⁴⁹.

Ao tratar do Contestado como um movimento político, trazendo a problematização da classificação messiânica, pretendia-se também chamar a atenção para o peso político de mulheres como Maria Rosa, indo além do caráter religioso de “virgem”. De acordo com Maciel, Maria Rosa não foi uma exceção à regra e por tal motivo não pode ser tratada como exclusiva.

⁴⁸ PORTELLI, 2000, p. 106.

⁴⁹ SILVA, 2010a, p. 49.

Ela não representava estranheza para o Contestado, liderou por possuir recursos para a função⁵⁰. De forma geral, Maria Rosa é retratada como guerreira, heroína, santa, mártir e guia.

Referências

FELDMAN, Sergio Alberto. Virgens Messiânicas: A Participação Feminina e Imaginário Religioso no Movimento do Contestado 1912-1916. **ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História** – Londrina, 2005.

FELIPPE, Euclides J. **O último Jagunço**. O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995.

FIN, Karoline. **As mulheres do Contestado**: uma abordagem sobre a Guerra do Contestado através da literatura infantil. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

MACHADO. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. 2001. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MACIEL, Marcelo Johny. **Maria Rosa**: fome, fé e resistência na Guerra do Contestado. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2017.

PEIXOTO, Dermeval (Criveláro Marcial). **A Campanha do Contestado**: Episódios e Impressões. Rio de Janeiro: Segundo Milheiro, 1920.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 103-130.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, fev. 1997.

QUEIROZ, Mauricio Vinhas de. **Messianismo e conflito social**: a guerra sertaneja do Contestado, 1912-1916. 3. ed. São Paulo: Ática, 1981. 323 p.

SILVA, Natália Ferronato da. **A guerreira do contestado**: a construção do mito de Chica Pelega. 2010. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010a.

SILVA, Natália Ferronato da. As “Virgens Messiânicas”: participação e influência das “Virgens” Teodora e Maria Rosa no Contestado (1912-1916). In: **Revista Santa Catarina em História**, v. 1, n. 1, 2010b.

VALENTINI, Delmir José. **Da cidade santa à corte celeste**: memórias de sertanejos e a guerra do contestado. 2 ed. Caçador: Universidade do Contestado, 2000. 192 p.

⁵⁰ MACIEL, 2017, p. 170.

“A que tudo sabia”: memórias da participação de Maria Rosa na Guerra do Contestado – Kassia Rossi

Data de envio: 01 de outubro de 2019

Data de aceite: 08 de março de 2020